

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 3

Tomo I



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2000

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 3 – Dezembro de 2000

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Faculdade de Letras
P-3000-447 Coimbra Codex
Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida
Rua Tenente Valadim, 231/325
P-4100-479 Porto
Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



ÍNDICE

Tomo I

CARLOS REIS – Apresentação.....	9
E. M. DE MELO E CASTRO – NU no NU.....	11
VIRGÍLIO DE LEMOS – POESIA hoje.....	15
ÂNGELA VAZ LEÃO – Questões de linguagem nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> , de Afonso X.....	21
DAVID BROOKSHAW – Entre o real e o imaginado: o Oriente na narrativa colonial portuguesa.....	33
FRANCISCO FERREIRA DE LIMA – Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa.....	43
K. DAVID JACKSON – Ruínas de Império: a cidade-fortaleza de Chaul..	55
LÉLIA PARREIRA DUARTE – <i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?.....	67
JOÃO ADOLFO HANSEN – Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial	75
MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO – Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII.....	91
MARIA JOSEFA POSTIGO – Os provérbios de <i>Don Quijote de la Mancha</i> nas Traduções em Português.....	101
XOSÉ MANUEL DASILVA – Anticastelhanismo e Sebastianismo nas traduções espanholas do <i>Frei Luís de Sousa</i>	117

ANNE-MARIE PASCAL – A abolição da escravatura e o teatro português (XVIII-XIX) – A polémica, o exemplo, e a utopia	127
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE — O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta.....	141
BERTHOLD ZILLY – A reinvenção do Brasil a partir dos sertões: viagem e literatura em Euclides da Cunha.....	149
LUCETTE PETIT – Machado de Assis à “Roda da Vida”: Das <i>Memórias</i> <i>Póstumas</i> ao <i>Memorial de Aires</i>	161
CARLOS ALBERTO PASERO – Reflexos no Oriente: aristocracia e indus- trialização n’A <i>Relíquia</i> de Eça de Queirós	171
PAULO MOTTA OLIVEIRA – Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo.....	185
REGINA ZILBERMAN – De <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> a <i>Grande</i> <i>sertão: Veredas</i> – o demônio em viagem.....	195
LEYLA PERRONE-MOISÉS – Cesário Verde: um “astro sem atmosfera”? ...	217
ANNA KLOBUCKA – Fernando Pessoa, o poeta amoroso? Fragmentos de um discurso	227
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS – Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna.....	235
MÓNICA ELENA SERRA HÜGLI – Escritas de leituras na poética de Drummond	255
ANA PAULA FERREIRA — O conto da mulher nos anos quarenta	265
ANA SOFIA GANHO – Luíza Neto Jorge: <i>Ekphrasis</i> e Iconotexto	277
CLÁUDIA PAZOS ALONSO – Do centro e da periferia: uma re-leitura de <i>Laços de Família</i>	287
RUTH SILVIANO BRANDÃO – A nau catrineta: velhas receitas, novos sabores.....	301
ISABEL PIRES DE LIMA – Concertos/Desconcertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral.....	307
LÚCIA CASTELLO BRANCO — Por graça da textualidade.....	319
ANA PAULA ARNAUT — <i>O Delfim</i> : silêncios inquietos.....	333
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS – <i>Todos os Nomes</i> ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem	341

Tomo II

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO – O futuro do passado: <i>O Ano de 1993</i> de José Saramago.....	351
VERA LÚCIA CASA NOVA – Fragmentos de um itinerário amoroso: Saramago, <i>Viagem a Portugal</i> (1981).....	363
ANNA KALEWSKA – As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio.....	371
MARIA LÚCIA DAL FARRA – De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo.....	389
MÓNICA FIGUEIREDO – O corpo, esta casa no mundo: a propósito de <i>Pedro e Paula</i> de Helder Macedo.....	401
MARIA THERESA ABELHA ALVES – A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias.....	411
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS – <i>Cavaleiro andante</i> : identidade nacional e o processo de dispersão do ser português.....	419
VILMA ARÉAS – Além do princípio da superfície: <i>O filantropo</i> , de Rodrigo Nunes.....	429
CHRISTOPHER F. LAFERL – O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi.....	441
JOSÉ MARIA PEDROSA CARDOSO – Da especificidade da música sacra portuguesa nos séculos XVI e XVII.....	451
MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO – Polifonia aquática.....	467
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA – Lusofonia: mentiras e realidade....	475
ANTONIO CANDIDO – Livros e pessoas de Portugal.....	483
MARIA ARMANDINA DA CRUZ MAIA – Pátria, uma trajectória de deriva..	493
BEATRIZ RESENDE – Imagens da exclusão.....	509
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa.	523
RUSSELL G. HAMILTON – A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial.	537

TANIA FRANCO CARVALHAL – De mar a mar: entre viagens nas literaturas portuguesas e brasileiras	549
ETTORE FINAZZI-AGRÒ – Geografias da Memória. A Literatura Brasileira entre História e Genealogia	557
ERMELINDA GALAMBA – Ser português na China	569
GERHARD BRUNN – Comunicação intercultural entre Europa e Brasil: a contribuição de Johann Moritz von Nassau-Siegen (1637-1644)....	579
MICAELA GHITESCU – Cultura luso-brasileira na Roménia	589
BENJAMIM PINTO BULL – Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos	597
RENATO CORDEIRO GOMES – Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea: uma guerra de relatos.....	609
ARMANDO JORGE LOPES – Em direcção ao primeiro léxico de usos do português moçambicano	621
ENEIDA DO REGO MONTEIRO BOMFIM – Que tratamento dar ao Rei?.....	633
MARIA HELENA MIRA MATEUS – A Face Exposta da Língua Portuguesa.	647
MICHEL LABAN – Reflexões sobre a elaboração de um inventário das particularidades do português de Moçambique através da literatura	655
TOM EARLE – O ensino do português nas universidades britânicas	665
SOLANGE PARVAUX – O ensino da língua portuguesa no segundo grau em França.....	671
MARIA JOSÉ MOTTA VIANA e ADRIANA CASTILHO — “A coisa melhor do mundo”: o tempo e o modo de um discurso	687
EVANILDO BECHARA – Herculano de Carvalho: In Memoriam (1924-2001).....	693

APRESENTAÇÃO

O número da revista *Veredas* que agora se publica contempla, nos seus dois tomos, algumas das mais significativas participações no VI Congresso Internacional de Lusitanistas.

Culminando uma dinâmica de crescimento que importa registar, o VI Congresso foi um momento privilegiado de encontro dos lusitanistas de todo o mundo. No Brasil, grande país onde a Língua Portuguesa constantemente se renova e afirma como fecundo e singular idioma de cultura, em Agosto de 1999, o VI Congresso permitiu evidenciar o potencial agregador da Associação Internacional de Lusitanistas, graças também ao culto de uma diversidade – de disciplinas, de temas e de orientações metodológicas – que constitui, só por si, um importante capital de investimento científico e cultural. Professores, investigadores e escritores de diferentes nacionalidades, gerações e formações, fizeram do VI Congresso um momento de reflexão conjunta, plural e aberta, como devem ser os congressos científicos; a congregar todas as participações, a consciência comum de que a Língua Portuguesa é, ao mesmo tempo, veículo de estudo e tema de indagação, nos diferentes países e universidades em que as culturas e as literaturas de expressão portuguesa são pólo de agregação de estudiosos e de unidades de investigação e de docência.

Os dois tomos do número 3 de *Veredas* traduzem muito do que acima fica dito. E o que neles se encontra – a par do que será ainda publicado, em edição electrónica – ficou a dever-se à capacidade motivadora e organizativa da equipa que deu corpo ao VI Congresso, sob a liderança de Cleonice Berardinelli, a quem, com justiça e propriedade, alguém chamou um dia “aula magna da literatura portuguesa”.

Publicar os textos que se seguem, nestes dois tomos, é também uma forma de homenagear a comissão organizadora do VI Congresso.

Este é o primeiro número de *Veredas* da responsabilidade da direcção eleita no congresso do Rio de Janeiro. E neste número, o que com *Veredas* se pretende é justamente dar a continuidade merecida ao trabalho dos anteriores corpos directivos, na certeza de que assim se consolida a Associação Internacional de Lusitanistas e se reforça a razão de ser da sua existência.

Tal como aconteceu com os dois números anteriores, também este é publicado graças à generosidade da Fundação Eng. António de Almeida. Por isso mesmo, deve aqui ser prestada, na pessoa do Doutor Fernando Aguiar-Branco, a justa homenagem de gratidão que as circunstâncias justificam.

CARLOS REIS

O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais

Nesse final de milênio pós-moderno, quando mais se destacam os estudos culturais e a neo-história, mais oportuna se torna a leitura de certos livros que uma mulher de estranho nome – Nísia Floresta Brasileira Augusta – um dia publicou em terras estrangeiras. Esta autora vai se impor, dentre as demais brasileiras letradas do século XIX, não só pela extensa produção intelectual – quinze títulos, dos mais variados gêneros – como por ter se insurgido pioneiramente contra os preconceitos sociais de seu tempo.

Nascida no interior do Rio Grande do Norte, em 1810, com o nome de Dionísia Gonçalves Pinto, Nísia Floresta residiu em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa, em 1849, e residir ora em Portugal, Inglaterra, Itália ou França, e viajar incansavelmente pelos países do Velho Mundo, até falecer, em 1885, em Rouen, interior da França.

Esta foi, com certeza, uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos na grande imprensa, pois, desde 1830, seu nome era uma presença constante em periódicos nacionais, tratando de questões polêmicas como o direito das mulheres – e, também, dos índios e dos escravos – a uma vida digna e respeitável. Aliás, nesse gosto pela polêmica e no fato de viver

sempre à frente de seu tempo, estariam, a nosso ver, também, traços de modernidade da autora.

Entre os principais títulos de Nísia Floresta, lembramos o *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), inspirado em *Vindications of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft (que denuncia o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira); o *Conselhos à minha filha* (1842), o *Opúsculo humanitário* (1853) e *A mulher* (1859), que discutem questões relativas à educação e à condição feminina; e o poema *A lágrima de um Caeté* (1849), que traz o ponto-de-vista do índio consciente de sua derrota histórica e inconformado com a opressão do invasor.

No mesmo ano da publicação desse livro, 1849, Nísia Floresta viajou para a Europa, onde se relacionou com grandes escritores como Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Alexandre Dumas, Lamartine, Duvernoy, Victor Hugo, George Sand, Manzoni, Azeglio e Auguste Comte, e viajou durante anos seguidos pela Itália, Portugal, Alemanha, Bélgica, Grécia, França e Inglaterra, antes de fixar-se em Rouen.

Em Portugal, residiu por diversas ocasiões em Lisboa, como no ano de 1851, e teve oportunidade de viajar pelo país e de fortalecer os laços de amizade com alguns de seus autores. No Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, aliás, está o exemplar de *Opúsculo humanitário* dedicado a Herculano e, no jornal *O Brasil Ilustrado*, de 30 de abril de 1855, encontra-se o poema com que a autora homenageou Castilho, quando ele deixava o Rio de Janeiro, intitulado "Um improviso".

O registro das viagens de Nísia Floresta pela Europa não foi muito conhecido do público nacional, principalmente por ter sido escrito em língua estrangeira e ter ficado muitas décadas esgotado. São eles: *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* e *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. O primeiro foi publicado em Paris, em 1857, e traduzido para o português somente em 1982. O segundo, também publicado em Paris em dois alentados volumes, em 1864 e em 1872, e apesar de considerado por mais de um crítico uma obra-prima, permaneceu inédito em língua portuguesa até recentemente, quando teve o primeiro volume traduzido.

Nos dois livros, ela realiza o caminho inverso dos estrangeiros que aqui vinham "descobrir" o Brasil, isto é, percorre novas terras,

estuda os costumes dos povos e visita os pontos mais pitorescos, agindo como a típica viajante ilustrada que sabe de antemão o que quer conhecer. Seus livros de viagem, escritos sob a forma de diário ou de cartas aos parentes distantes, pretendem revelar, bem ao gosto daquela época (e também da nossa), suas impressões de cada país que visita, bem como as reflexões perante as ruínas ou os fatos históricos que presencia. Nísia Floresta realiza, portanto, muito mais que simples relatos, pois descreve com sensibilidade e erudição cada cidade, igreja, museu, parque, biblioteca e monumento, e os tipos humanos que encontrava.

Quando nossa autora redige suas observações, ela está se inscrevendo, conscientemente, num dos gêneros literários mais em voga na Europa daquela época, que era precisamente o das narrativas de viagem. E, dentre todos, os textos sobre viagens à Itália e à Alemanha se destacavam pelo numeroso repertório, chegando a consolidar uma “tradição” de se escrever sobre os dois países. A Alemanha, inclusive, parece ter sido o país mais visitado pela maioria dos ilustres viajantes do século XIX, seguido de perto pela Itália e Espanha¹.

Tal modalidade literária – as narrativas de viagem – consistia, principalmente, no registro do escritor acerca de um lugar, privilegiando fatos ou instantâneos que melhor se amoldassem ao seu interesse narrativo. Na maioria das vezes, os textos resultam de laboriosa pesquisa e revelam a preocupação com o que já tinha sido dito e com o destinatário, mesmo quando existe a afirmação que não se pretendia publicá-los. A julgar pelas informações minuciosas e pela literariedade presente na maioria deles, é difícil acreditar nesta intenção e imaginar que tais relatos se destinavam a ficar confinados numa única gaveta ou circulando em poucas mãos.

Mas, enquanto no Brasil bem poucos se ocuparam com o relato de viagem, no Velho Mundo foram muitos os autores e os títulos de narrativas que se tornaram conhecidos, como Goethe, autor de *Italian journey* (1786), ou Catteau-Calleville que publicou *Voyage en Allemagne et en Suède* (1810). Dentre todos, o livro de Mme. de Stäel, *De L'Allemagne*, de 1810, destaca-se pela influência que exerceu sobre os

¹ Constância Lima Duarte, *Nísia Floresta: vida e obra*, Natal, Editora da UFRN, 1995.

românticos e pela tumultuada história de sua publicação. Escrito a partir das viagens de 1803 e 1808, o livro provocou o rompimento da autora com Napoleão, que considerou não patriótico os conselhos para os franceses acatarem com simpatia as novidades do estrangeiro, principalmente a filosofia e literatura alemãs. Quando, quarenta anos depois, Nísia Floresta realiza a sua viagem pela Alemanha, ela se refere algumas vezes à escritora francesa, demonstrando o quanto a conhecia e admirava sua obra.

Em 1840, Victor Hugo visita a Alemanha e, em *Voyages*, revela sua preferência por locais históricos e medievais e a emoção diante dos monumentos. Para ele, como também para Nísia Floresta, as ruínas exercem um fascínio especial, e ambos renderam efusivas homenagens a Carlos Magno, diante de seu túmulo.

Outro viajante ilustre, Almeida Garrett, é sabido, preferiu excursionar pela própria terra, mas seu registro contém também alguns detalhes que podem ser considerados semelhantes ao que observamos no *Itinerário* de Nísia Floresta. A personalização de seres inanimados, a adjetivação excessiva, a presença de um interlocutor e o destaque do pitoresco são alguns desses pontos. Garrett conduz seu leitor de divagação em divagação como se conversasse com ele, comove-se diante de paisagens tipicamente românticas, quase como a escritora do *Itinerário* fez em seu texto. Mas em outros aspectos os escritos se diferenciam. Por exemplo: *Viagens na minha terra* faz um mergulho na lusitanidade, recupera antigos costumes populares e conta uma história de amor, em meio à narrativa da viagem. Já o texto nisiano, ao se referir à própria terra, o faz dirigindo-se a um país que conserva apenas na memória, já idealizado pela lembrança.

Vejamos rapidamente os dois livros de viagem de Nísia Floresta. Com o título de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, este livro foi publicado em Paris em 1857, sob a forma de cartas o que explica a intimidade contida em suas páginas. Trata-se da primeira excursão realizada por Nísia Floresta ao país de Goethe passando pela Bélgica e o interior da França, entre agosto e setembro de 1856. Ao todo, são trinta e quatro cartas dirigidas ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil. A primeira é datada de Bruxelas, 26 de agosto, e, a última, é de 30 de setembro de 1856, e foi escrita em Estrasburgo. Nelas, a narradora descreve os momentos mais marcantes de seu percurso, rei-

terando em quase todas as páginas as saudades que sentia, o quanto desejaria estar fazendo tal passeio com toda a família e não só em companhia de Lívia, a única filha presente. E à medida que a narrativa se desenvolve, percebemos que esta correspondência diária, quase um relatório do dia-a-dia, cumpre a função de preencher a solidão da viajante convertendo-se num quase diário, onde a autora além de registrar as impressões do que vê, deixa-se levar pelo devaneio, tornando-se cada vez mais intimista.

O país escolhido, sabemos agora, não poderia ter sido outro. Quem, naquela época, buscasse novas emoções, necessariamente ia ao berço do movimento romântico, à velha e poética Germânia, a pátria de Leibnitz e Kant, que preenchia com lirismo, tradição e exotismo, na dose certa, os espíritos sedentos de aventura. A Alemanha era, não só para Nísia Floresta como para os demais escritores do tempo, o país da sensibilidade e da filosofia e, também, em suas palavras, «da poesia, do devaneio e amor, tanto quanto país de maravilhas do trabalho e do gênio humano».

A autora refaz o percurso de Mme. de Stäel, de Victor Hugo e de outros viajantes e, como eles, também revela suas “impressões”. Realiza assim o sonho de sua época ao conhecer a terra de *Werther*, de Goethe, e de *Os salteadores*, de Schiller; e, mais ainda, a terra do *sturm und drang*, cujo fascínio sobre a imaginação romântica ainda não havia se esgotado. Nísia privilegia em seu relato não a história das cidades que visita ou a descrição de cada etapa do percurso, mas a própria subjetividade, e nos transmite, ao final, “uma imagem” de sua “alma”, e as “emoções” que os objetos e os lugares lhe despertaram.

O outro livro – *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* – trata do *séjour* italiano da autora, que durou de março de 1858 até meados de 1861. Antes de Nísia, muitos tinham sido os escritores que haviam visitado o solo italiano e que fizeram apaixonados relatos de sua estada. Entre os mais ilustres, lembramos Chaucer, Montaigne, Goethe, Stendhal, Byron, Victor Hugo, George Sand, Alfred de Musset, Michelet, Lamartine e Mérimée. Nísia não realiza sua viagem incógnita, como Goethe, nem percorre o país em algumas semanas, como alguns fizeram e ela mesma fez em sua excursão à Alemanha. Ao contrário, demora-se por três longos anos – tempo mais que suficiente

para conhecer e rever os lugares que lhe interessavam, fazer amizades e residir ora em Roma, ora em Veneza, Florença ou Milão.

Em *Trois ans en Italie*, Nísia Floresta inicia a narrativa como um *diário de viagem* e termina o segundo volume como uma *crônica histórica*. Opera ainda neste texto uma singular fusão entre as duas formas de diário, “o de viagem” e o “diário íntimo”, além de guardar uma semelhança com o gênero epistolar, quando se dirige a outra pessoa. Mesmo no diário, aqui e ali surge um vocativo com quem a narradora dialoga (ou “monologa”), que tanto pode ser alguém de seu relacionamento, como um personagem histórico, uma cidade ou um país.

Como a maioria dos escritores de narrativas de viagens, que buscavam conhecer o que os viajantes anteriores tinham dito, Nísia Floresta ao registrar suas impressões da estada em terras italianas, também menciona os livros dos que a precederam. Afinal, referir-se a eles devia representar não só erudição, como uma atitude de reverência para com estes textos. Em Veneza, lembra-se de Byron e cita-o várias vezes a partir mesmo de uma estrofe sua que utiliza como epígrafe: «*Oh Venice! Venice! When thy marble walls...*»

Assim, em *Trois ans en Italie* ela intertextualiza o próprio relato com os mais conhecidos, principalmente os de Byron e Goethe, citando-os e comentando os pontos comuns entre seu comportamento e o deles. E, apesar do numeroso repertório que encontra, ainda assim ela inovará o gênero, pela abordagem sensível que faz do tempo presente italiano. Para a autora, o passado é importante sim, mas apenas enquanto referência para se compreender e valorizar o momento presente. Da mesma forma ela age com relação à Grécia: apesar de as fantásticas ruínas estarem diante de seus olhos, não deixa de observar como os jovens se comportavam e de se inteirar da situação política, social e cultural do país.

Não é, portanto, repito, apenas uma turista que aí está, mas uma mulher portadora de uma consciência política forjada num passado de lutas contra o preconceito e as injustiças sociais. Nísia Floresta, é bom lembrar, desde a infância conviveu com fases revolucionárias em que se defendiam propostas liberais (em 1817 e 1824, em Pernambuco; em 1835 a 1838, com a Farroupilha, em Porto Alegre; e em 1848, com a Revolução Praieira, também em Pernambuco), responsáveis, aliás, pelas inúmeras mudanças de domicílio ao longo de

sua vida. O fato de ela já conhecer Garibaldi desde a época em que residia no sul do Brasil, por ocasião da Farrroupilha, torna mais elucidativo seu entusiasmo pelo revolucionário italiano, quando ele toma a frente dos combates².

Por essas razões, o relato nisiano tinha que ser diferente. As sucessivas derrotas liberais que presenciou marcaram seu olhar com uma outra sensibilidade, permitindo que ela visse tais momentos singulares, de forma bem diversa da que foi vista pelos europeus. A autora tinha o olhar atento para a história da opressão, cujas ruínas à sua volta eram apenas um referente. A simbiose entre o autobiográfico, a reflexão historiográfica e a narrativa de viagem contribuirá para tornar o seu relato um texto ímpar, diverso dos conhecidos até então. *E Trois ans en Italie* é precisamente o livro em que melhor se delineia a ideologia política da autora, tanto por ter sido realizado num momento de maturidade intelectual, como por refletir as transformações sociais e política italianas.

A autora estava na Sicília quando surgiram as notícias da deflagração do movimento revolucionário pela unificação italiana. Seu texto, a partir de então, reforça uma feição de crônica-histórica, por conter não só transcrições de matérias jornalísticas relativas aos avanços e às vitórias dos liberais, como também as cartas de Garibaldi à população e os comentários da autora com “os votos mais ardentes” pelo triunfo completo da revolução. A cronista toma partido e não esconde em nenhum momento o quanto estava envolvida pelos acontecimentos. Por tudo isso, este “diário de viagem” se constitui num valioso documento para o estudo da História italiana, principalmente porque contém em suas páginas a história observada pela perspectiva dos dominados.

Enfim, esta é Nísia Floresta. Uma brasileira de olhar viajante e reflexivo, sujeito periférico dotado de perspicácia e ousadia, a dialogar de igual para igual com o discurso das metrópoles. Em sua trajetória de vida ela nada mais faz que ampliar os passos da jovem nordestina, autora de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que já anunciava, em 1832, uma postura altiva perante o olhar estrangeiro.

² *Idem, ibidem.*

Referências bibliográficas

- DUARTE, Constância Lima, *Nísia Floresta: vida e obra*, Natal, Editora da UFRN, 1995.
- FLORESTA, Nísia, *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, Paris, E. Dentu, 1864, vol. I.
- , *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, Paris, E. Dentu, 1872, vol. II.
- , *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (Estudo e notas de Constância L. Duarte), São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- , *Itinerário de uma viagem à Alemanha* (Trad. Francisco das Chagas Pereira, Apresentação e notas biográficas Constância L. Duarte), Florianópolis, Editora Mulheres, 1988, 2.^a ed.
- , *Três anos na Itália* (Trad. Francisco das Chagas Pereira; Apresentação Constância L. Duarte), Natal, UFRN, 1999.